

REFLETINDO A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE UM RESGATE DA EDUCAÇÃO MODERNA

Gabriel Carvalho Bungenstab¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre a educação contemporânea, considerando-a de uma forma ampla. Para tal, fez-se um resgate aos estudos de Emile Durkheim a respeito da educação moderna, com o intuito de enxergar, onde, na esteira desse pensador, se encontram pistas para refletir e debater sobre o que vem sendo a educação na sociedade hodierna. Considerando que a educação se prolonga para além dos muros escolares, conclui-se que é mister debater hoje quais são as diferentes relações de saber que os atores educacionais experimentam nos diversos espaços educativos.

Palavras-chave: Educação. Saberes. Durkheim. Escola.

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on contemporary education, considering it in a comprehensive way. To this end, became a ransom to studies Emile Durkheim regarding modern education, in order to see where, in the wake of that thinker, are clues to reflect and discuss what has been education in today's society. Considering that education extends beyond the school walls, it is concluded that it is necessary to discuss today, what are the different relationships to know that educational actors experience in different educational environments.

Keywords: Education. Knowledge. Durkheim. School.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem a intenção de apresentar, primeiramente, as ideias do sociólogo Emile Durkheim no que interessa aos seus entendimentos a respeito do que foi (é) a educação. Para falar sobre educação, se faz necessário entender à teoria desse pensador chamado de “clássico”, sobretudo para realizar, posteriormente, o esforço de relacionar os seus pensamentos com o cenário da educação. Em seguida, na esteira de Durkheim, o presente artigo discute a questão das relações de saber na sociedade contemporânea. Vale a pena lembrar que a proposta deste artigo é de contribuir para a manutenção do debate acerca do tema da educação, sobretudo, com o intuito de lançar novos olhares para a educação.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educacao Fisica pela UFES. gabrielcarv@msn.com

Nesse sentido, o artigo será apresentado em três momentos. No primeiro deles, ofereço ao leitor as contribuições teórico-metodológicas de Emile Durkheim e suas reflexões a respeito da educação. No segundo momento do artigo, realizado o esforço de pensar como, a partir de Durkheim, podemos pensar a educação brasileira contemporânea, interligada com as relações de saber que ocorrem nos múltiplos espaços de educação.

Avalio, de acordo com Lopes (2012) que a proposta educativa-pedagógica de Durkheim ainda mantém sua atualidade há mais de um século, servindo de instrumento para reflexões e investigações no campo educacional, principalmente aquele que se refere à educação para a cidadania, de forma ampla. Por fim, concluo realizando uma breve análise dos reflexos de uma educação ampla moderna do tempo de Durkheim e uma educação ampla contemporânea e qual os impactos e propostas que podem surgir desse debate.

2 EMILE DURKHEIM E A EDUCAÇÃO

Devemos ter em mente que Durkheim é um homem de seu tempo, assim, ele pensa e escreve de um lugar, um *locus* no qual está inserido, a sociedade Francesa do fim do século XIX e início do século XX. De antemão, deve ser sabido que o sociólogo é totalmente influenciado pelas ideias de Augusto Comte e do Positivismo. Baseado em Comte, Durkheim buscou fundamentar cientificamente a sociologia como a única ciência legítima, capaz de estudar e compreender a sociedade, tratando essa, como um objeto passível de observação.

Durkheim dizia que em todas as sociedades há grupos de fenômenos que podem e devem ser estudados especificamente pelas ciências sociais. Esses fenômenos eram chamados por ele de fatos sociais. O fato social, para ele, é externo em relação às consciências individuais e exerce, ou pode exercer, ação coerciva sobre essas mesmas consciências individuais. Assim, o grupo ou a instituição na qual o indivíduo está imerso tem importância maior do que o próprio indivíduo ou seus interesses particulares e, caso o indivíduo não corrobore com as ações do coletivo, poderá sofrer coerção. Durkheim dizia que (1978, p. 91): “Um fato social reconhece-se pelo seu poder de coação externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre indivíduos; e a presença desse poder reconhece-se, por sua vez, pela existência de uma sanção determinada ou pela resistência que o fato opõe a qualquer iniciativa individual que tenda a violentá-lo”.

Para Durkheim, o grupo e o social têm tamanha influência sobre o indivíduo que as ideias e tendências que ele acredita serem elaboradas por sua vontade, são, na verdade, impostas pelo grupo por meio da coação social. Isso não significa que o indivíduo não possui

personalidade e está sujeito apenas ao que o grupo determina, mas sim que o coletivo importa sempre mais do que o individual, ou seja, o “nós” vale mais do que o “eu”. Os fatos sociais são constituídos das crenças, das tendências e das práticas de grupo tomadas coletivamente.

Durkheim mostra que os fatos sociais aparecem em dois momentos: sempre que houver uma organização bem definida, com regras estabelecidas (como regras jurídicas, morais e sistemas financeiros) e por meio das chamadas correntes sociais. As correntes sociais não precisam ser necessariamente reféns de uma consciência particular, elas podem exprimir sentimentos coletivos em comum que acontecem em algum ambiente, como, por exemplo, nos sentimentos de entusiasmo gerado pelas manifestações coletivas. Assim, tanto se engana o indivíduo que participa desses momentos acreditando que o elaborou por vontade própria, como é coagido aquele que se opõe a esse “sentimento” coletivo. O indivíduo torna-se, então, muito mais criatura das correntes sociais do que criador delas. Exemplo cabível que Durkheim oferece desse fato social é em relação à escola. A educação que as gerações anteriores impõem às crianças nada mais é, segundo o sociólogo, a maneira de impor às crianças os modos de agir, sentir e se comportar, impossíveis de serem conquistados de maneira autônoma e espontânea. Voltaremos a essa questão mais a frente.

Para um fato social ser analisado é preciso que o cientista social o isole e o observe no seu estado de pureza. Durkheim (1978, p. 90) afirma: “Há certas correntes de opinião que nos levam, com intensidades desiguais segundo o tempo e os países, ao casamento, ao suicídio ou a uma natalidade mais ou menos forte; estes são, evidentemente, fatos sociais”. Durkheim elenca suas regras para a observação dos fatos sociais. A primeira delas e, a mais fundamental em sua opinião, é a de enxergar os fatos sociais como coisas. Assim, ele acreditava que as organizações das coisas apareciam como simples desenvolvimento das ideias que temos sobre essas mesmas coisas. A ideia é, então, seu germe, sua gênese. No entanto, é necessário que se progrida das ideias para as coisas, ou seja, para o estudo da realidade.

tratar dos fenômenos como coisas é trata-los na qualidade *data* que constituem o ponto de partida da ciência [...] O que nos é dado não é a ideia que os homens têm do valor, visto que ela é inacessível; são os valores que se trocam realmente no decurso das relações econômicas. Não é uma ou outra concepção de ideal moral; é o conjunto das regras que determinam efetivamente a conduta. Não é a ideia do útil ou da riqueza; é todo o detalhe da organização econômica” (DURKHEIM, 1978, p.)

Influenciado pela ideia de progresso social, Durkheim ressalta a necessidade de a sociologia evoluir não mais pensando as ideias como objetos de estudo, mas sim as coisas que

estão na natureza como fim último para os estudos da ciência social. Para ele, só seria possível estudar os fatos sociais enxergando-os como coisas. Subsequentemente devem-se esclarecer quais as ordens de fato que serão estudadas e perguntar-se qual a função desse fato social.

Assim, para pensarmos na educação, o percurso metodológico inicial, a luz de Durkheim, seria o de considerá-la como um fato social, uma coisa que existe e, a partir disso, tentar entender em que ela consiste, ou seja, qual sua função social. Para definir o que é a educação o sociólogo francês ressalta que é necessário entender os sistemas educativos que existiram e existem na sociedade. O exercício de comparar e diagnosticar quais elementos comuns desses diferentes sistemas educativos dará margem para chegar à definição que a sociologia busca.

Para Durkheim (2011), existem tantos tipos de educação como existem diferentes sociedades. Em cada tipo de sociedade há um tipo de educação. Para o pensador, a educação tem um caráter dual, qual seja: ela é uma ao mesmo tempo em que é múltipla. É importante, então, estudarmos a educação/escola e não a ideia de educação/escola que se tem na sociedade. Isso faria a sociologia ultrapassar a fase da subjetividade para a fase da objetividade. Durkheim (2011) vai dizer que, embora se queira delegar para a educação a função de realizar o desenvolvimento harmônico dos indivíduos, isso não ocorre de fato. Para ele, cada indivíduo deve desempenhar um papel específico dentro da sociedade, de acordo com a sua aptidão. É preciso, desse modo, estar em harmonia com sua função específica.

Não adianta crer que podemos educar nossos filhos como quisermos. Há costumes com os quais somos obrigados a nos conformar; se os transgredimos demais, eles acabam se vingando nos nossos filhos [...] Portanto, em qualquer época, existe um tipo regulador de educação do qual não podemos nos distanciar sem nos chocarmos com vigorosas resistências que escondem dissidências frustradas (DURKHEIM, 2011, p. 48).

Ao definir educação Durkheim diz que ela tem um duplo caráter, sendo ao mesmo tempo singular e múltipla. Até determinada idade, para o sociólogo francês, a educação deve ser a mesma para todos os sujeitos, no entanto, depois de certa idade a educação deve se diversificar, trabalhando de forma especializada para cada indivíduo, preparando-o para realizar determinadas funções no seio da sociedade. Durkheim (2011, p. 54) diz:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança, um certo número de estados físicos, intelectuais e

morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela esta destinada em particular.

Ou seja, a educação é tanto singular (pelo meio específico e particular), quanto múltipla (estados físicos, intelectuais e morais exigidos coletivamente de forma grupal). A educação constitui tanto o ser individual, como também constitui o ser social. E, ao ser ação, a educação se diferencia da pedagogia. A educação enquanto ação é constante e geral, já a pedagogia é compreendida pelo sociólogo francês como a teoria que estuda e pensa a ação. A educação, então, sendo uma ação social gera o interesse de dois personagens: o Estado e o professor. A educação é controlada pelo Estado, que, por sua vez, utiliza o sistema educacional para manter e perpetuar suas ideias e pensamentos a respeito da sociedade, como a ciência, a razão e a moral.

Para a realização destas intenções, o papel do educador é fundamental e Durkheim (2007) sabia disso. Segundo ele, o professor é quem irá imbuir no aluno às ideias educacionais que são consideradas corretas para cada sociedade. Isso, sem dúvida, delega um poder imenso ao professor (e também aos pais) já que, a todo o momento, a criança é educada de maneira constante e geral. No entanto, essa não é qualquer educação. De acordo com Durkheim, apesar dos professores e pais terem um poder sintomático no que tange a educação das crianças, essa, ao ser realizada, não pode acontecer de maneira antissocial e, caso ocorra assim, serão as crianças que sofrerão as repressões futuramente.

Vemos então que, apesar do poder e do importante papel dado ao professor e aos pais, eles não podem considerar a educação por um viés transformador, mas sim com o intuito de realizar, através dela, a manutenção da sociedade, nos seus aspectos morais, científicos, culturais e racionais. O professor, de acordo com Durkheim (2007) deveria educar de forma laica, desconsiderando a influência que a Igreja tinha até então para se educar as crianças no que tange, principalmente, aos aspectos morais. Esses aspectos, transmitidos por meio da educação, irão gerar a perpetuação da ordem social e de sua organização.

A função do professor, então, é transmitir os valores vigentes da sociedade para todas as crianças e, quando essas crianças chegarem a certa idade, a função do formador passa a ser a de educar esses jovens de uma forma especializada, com o intuito de que eles desempenhem funções específicas na sociedade, ou seja, contribuindo para a divisão do trabalho social. Assim, de acordo com essa educação, o indivíduo se diferencia dos demais em sua função social, função essa que é importante para compor a totalidade e a conservação do todo. Segundo Durkheim (2011) a educação particular acabaria com o Estado. Não é

aceitável que a educação seja antissocial. Os professores, os pais e todas as instituições educadoras devem estar cientes disso. Esse é o projeto de ordem e manutenção do Estado moderno. Até que ponto esse modelo de educação ainda vive na sociedade contemporânea? Como se relaciona a pedagogia que pensa diferente da ação educativa?

Podemos pensar a educação para Durkheim, como uma ação social estratificada, na qual os indivíduos, em suas formas singulares, fazem parte de um todo. A educação como forma de preparação para compreender as ideias postas socialmente e treinar para ocupar um cargo específico faz com que, dificilmente, haja, no seio social, ideias (por meio da pedagogia, por exemplo) que desatinem a ordem, pois, a educação ao funcionar como preparação e perpetuação social, acaba internalizando uma moral nos indivíduos, fazendo-os crer que aquele modelo reprodutivo de sociedade é o mais correto, devendo assim, ser mantido. Nesse sentido, se um professor, um pai ou até mesmo um pedagogo buscar, na ação social educativa, outro mecanismo que não aquele promulgado pela sociedade ordeira, estes estarão correndo sérios riscos de serem marginalizados e classificados como anômicos.

3 CONTINUAÇÃO...

A educação pode ser pensada por uma perspectiva ampla, para além dos muros escolares. Na esteira de Durkheim e considerando que cada sociedade obtém seu tipo ideal de homem, a educação seria trabalhada, nesse sentido, por meio de uma organização una e múltipla. É através da educação que alguns princípios sócio-morais são transmitidos às crianças. Durkheim (2011, p. 78) dizia que: “De fato, a educação vigente em determinada sociedade e considerada em determinado momento de sua evolução é um conjunto de práticas, maneiras de agir e costumes que constituem fatos perfeitamente definidos e tão reais quanto os outros fatos sociais”.

Talvez essa afirmação de Durkheim estivesse correta para o seu período sócio-histórico. No entanto, se fossemos desmembrar essa ideia trazendo-a para os dias atuais e, considerando a educação de forma ampla, ou seja, funcionando nos espaços familiares, de trabalho e na própria escola, essa citação de Durkheim (e seus escritos sobre a educação) se torna interessante para pensarmos a educação, também, na sociedade hodierna.

Parto, inspirado nessa exposição de Durkheim, defendendo a ideia de que hoje a educação (em seus diferentes momentos) tem se estabelecido de forma diferente, não sendo mais a expressão concreta da sociedade, como outrora dizia o sociólogo francês. Tentarei explicar essa ideia. Primeiro, apesar de concordar com a ideia de que a educação se estabelece

de forma ampla, parece que a ela, ao participar da vida das crianças e dos adolescentes em seus momentos familiares e escolares, se apresenta como tipos diferentes de educação. Diferente em que sentido?

Parece que aquilo que a escola tem transmitido para os jovens alunos não tem mais conexão com aquela educação que os jovens (e crianças) têm aprendido fora da escola. Isso não acontece numa perspectiva individual, mas sim, coletiva. Esse fato gera uma tensão entre esses dois modos de educação, que apesar de amplos, aparecem agora de formas diferenciadas. Como trabalhar na escola com um tipo de educação diferente daquela que é dada no cotidiano dos jovens?

Algumas perspectivas e respostas podem ser dadas a essa pergunta. A primeira delas, na esteira de Durkheim, se refere ao fato de que, obrigatoriamente, crianças e jovens precisam aprender algumas competências básicas que são comuns para todos os indivíduos em um determinado contexto social. Assim, por exemplo, nessa ideia de educação “una”, os alunos saem das escolas imbuídos de algumas competências básicas gerais. Saber ler e escrever, ter capacidade para realizar cálculos, competência para realizar pesquisas e dominar uma língua estrangeira são competências básicas que, transmitidas pela escola, parecem, hoje, abarcar todos os indivíduos na sociedade brasileira. Essa ideia de uma educação “una” demonstra como alguns pensamentos do sociólogo francês ainda continuam sendo validados na sociedade hodierna.

No entanto, penso que hoje parece estar ocorrendo um desacordo no que tange a perspectiva de uma educação ampla. As crianças e jovens contemporâneos aprendem em seu cotidiano alguns saberes que não necessariamente são aqueles trabalhados dentro do ambiente escolar. Os linguajares de rua, os modos de se relacionarem com questões de moralidade e o uso diferenciado de novas tecnologias indicam as diferentes relações que esses indivíduos assumem com os saberes que lhe são passados nessa educação contemporânea ampla. Ora, Durkheim defendia que a educação seria a maneira que a geração anterior tem de impor nas crianças e jovens os modos de sentir, agir e se comportar. Essa transmissão, para ele, era impossível de ser feita de forma autônoma e espontânea. Considerando que a sociedade contemporânea é caracterizada pela efemeridade e pela busca do presente, como pensar as diferentes ferramentas de aprendizagens que chegam as crianças e aos jovens, além daquela que a escola ou a família oferece? As gerações anteriores ainda impõe a educação sobre a geração anterior? Como se dão as relações com os saberes educacionais hoje?

Charlot (2001) nos mostra que a discussão a respeito da relação com o saber sempre aparece quando existem sujeitos que estão dispostos a aprender, ao passo que outros não

manifestam esse mesmo desejo. Charlot (2001), após analisar as falas de alguns jovens em relação ao saber, as separou em três categorias: aprendizagens ligadas à vida cotidiana; aprendizagens afetivas/éticas/morais; e aprendizagens escolares.

Os jovens aprenderam muitas coisas antes de entrar na escola e continuam a aprender, fora da escola, ainda que frequentem a escola – coisas essenciais para eles ('a vida'). Eles já construíram relações com “o aprender”, com aquilo que significa aprender, com as razões pelas quais vale a pena aprender, com aqueles que lhes ensinam as coisas da vida. Portanto, sua (s) relação (ões) com o (s) saber (es) que eles encontram na escola, e sua (s) relação (ões) com a própria escola não se constroem a partir do nada, mas a partir de relações com o aprender que eles já construíram. Não se vai à escola para aprender, mas sim para continuar a aprender (CHARLOT, 2001, p. 149).

Charlot (2001) constatou a partir de comportamentos diferentes, no interior de uma mesma classe social, em face de diversos tipos de saberes, que os jovens de camadas populares (resistentes ou passivos frente aos saberes escolares) fora da escola podem adotar comportamentos que apresentam certa complexidade e que supõe aprendizagens aprofundadas.

De acordo com Charlot (2001), a questão sobre a relação com o saber está vinculada a forma que o saber aparece dentro dos espaços das instituições e do efeito que essas formas implicam. Isso demonstra, na visão do autor, que a escola não é apenas um espaço que recebe jovens alunos dotados das mais diversas relações com o saber, mas, sim, é um lugar que também induz essas relações. Assim, acredito, na esteira de Charlot que a relação com o saber nos permite abordar problemas diversos, das mais diferentes amplitudes, inclusive aqueles referentes à categoria das crianças e da juventude em sua educação ampla.

Enxergar as diferentes formas na qual o saber aparece nas instituições é entender a escola como uma instituição que faz parte do processo de educação ampla e que ela, enquanto espaço que induz relações com o saber, precisa se atentar para os outros diferentes espaços onde também as crianças e jovens foram (e são) influenciadas, carregando diferentes formas de aprendizado. Será que a educação que é transmitida na escola, é a mesma que crianças e jovens aprendem em seus cotidianos?

Refletindo sobre a escola contemporânea, Oliveira e Tomazetti (2012) dizem que, apesar de o ambiente escolar vivenciar as mesmas transformações culturais que seus jovens alunos e professores, a escola, muitas vezes, promulga a ilusão de que, nela, a vida segue pautada pelas características do período moderno. Para Oliveira e Tomazetti (2012, p. 118), os sintomas resultantes são:

[...] ausência do sentido dos conteúdos escolares e conseqüente incremento dos fatores a mobilizar a evasão escolar; desinteresse manifesto pela prática pedagógica dos professores e seus objetivos; reinvenção do espaço da sala de aula para o lazer e as brincadeiras, tão somente; e ainda, uma resistência contundente a figura de muitos professores [...]

Concordo com Carrano e Peregrino (2003) quando eles afirmam que o tempo e o espaço da escola contemporânea são objetos de controle. A circulação, o uso dos espaços e equipamentos, o recreio e as entradas e saídas parecem, na visão dos autores, ainda se configurar como espaços de contenção simbólica e física de crianças e jovens. Ressaltando ainda a respeito da relação entre a postura normativa da escola e as novas possibilidades de vivências criadas pelos jovens dentro desse espaço, Tomazetti et al (2011, p. 88) dizem que:

Tal postura instituída, contudo, embora inviabilize a plena participação juvenil nas pautas da escola – na medida em que os jovens passam a desinteressar-se por um contexto que não efetivam práticas de escutas efetivas, que pudessem tornar as falas juvenis como elementos para repensarem suas práticas -, não impedem que sejam elaboradas outras formas de ação por parte desses atores, de modo que a materialidade dos lugares seja reconfigurada através de outros modos de habitá-los e narrá-los.

Nesse sentido, a busca por outros tipos de relação com o saber se volta para os espaços de fora da escola e, na perspectiva de educação ampla, outras instituições como a família, os jogos eletrônicos, a religião, as práticas corporais e a internet vão se tornando cada vez mais atraentes para os jovens no que tange a sua educação. Assim, acredito que, na sociedade contemporânea, esteja ocorrendo uma espécie de desacordo entre aquela educação que é transmitida na escola e aquela educação que é aprendida fora dela. Apesar de ainda vivenciarmos uma educação ampla, esse desacordo faz com que a educação não mais se apresente sobre o viés da transmissão e da perpetuação de um tipo de sociedade e de moralidade.

4 CONCLUSÃO

O trabalho de tornar a obra de Durkheim visível já vêm sendo feito e, há muito, tem contribuído para o debate, principalmente no que tange a questão da educação. A ascensão de pensadores contemporâneos, classificados como “pós-modernos” parece fazer com que, no meio acadêmico, alguns discentes e docentes marginalizem o trabalho realizado por esse autor

clássico. É visível a intensa oferta de trabalhos e de comentadores que já versaram sobre a temática da educação assim como acabo de apresentar aqui.

No entanto, o “mais do mesmo” se faz necessário, pois, apesar da invisibilidade atual, esse pensador (a sua maneira) ainda continua sendo importante quando olhamos para o cenário educativo contemporâneo. A sociedade moderna para esse pensador era uma sociedade industrial e isso influenciou o olhar dele, também, sobre a educação. É inegável ressaltar que ele sabia do poder e da influência que a educação tinha para a sociedade industrial, considerando-a como uma instituição ampla, para além dos muros escolares.

Hoje, a educação torna-se visível no momento em que emancipa o indivíduo, tornando-o um cidadão melhor, consciente dos seus atos ou quando o insere socialmente, fazendo dele parte de um todo social. A visibilidade se apresenta também quando a educação é vista, na sociedade capitalista contemporânea, como elemento importante de conquista e ascensão social. Já a sua invisibilidade, se esconde quando ela faz parte do projeto de manutenção da ordem estabelecida, quando oprime o indivíduo na sua tentativa de modificação da realidade. Ou até mesmo quando seleciona aqueles que ocuparão determinados cargos sociais de dominação. Nesse cenário, vejo que devemos, enquanto professores/pesquisadores, tornar visível aquilo que não salta aos olhos, enxergando vis a vis que a tendência educacional atual é alijar as potencialidades humanas, seja pela burocratização, pela exploração ou pela manutenção da ordem.

O desacordo, descompasso ou divórcio, anunciado por mim nesse artigo, propõe que nos atentemos ao que ocorre dentro dos muros escolares, mas também aquilo que vem ocorrendo fora, na tentativa de conciliar e casar essas diferentes formas de educação. Os métodos atrasados das escolas atuais (que parecem ainda serem as mesmas escolas do período de Durkheim, com suas regras e ritos) parecem continuar fabricando, na sociedade contemporânea, indivíduos para cumprir sua função específica e seu local na mão de obra, fortalecendo a divisão do trabalho social. Talvez, poderíamos nos perguntar, como já perguntava Marx no século XIX: será necessário modificar as condições sociais para criar um novo sistema de ensino ou falta um sistema de ensino novo para modificar as condições sociais?

REFERÊNCIAS

CARRANO, P; PEREGRINO, M. Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença. In: **A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões**. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 12-24.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. 9 ed. São Paulo: Nacional, 1978.

_____. O ensino da moral na escola primária. **Novos Estudos**. N. 78, p. 59-75, jul. 2007.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n78/08.pdf>>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

_____. **Educação e Sociologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LOPES, Paula. **Educação, sociologia da educação e teorias sociológicas clássicas: Marx, Durkheim e Weber**. Universidade de Lisboa, 2012.

TOMAZETTI, E. M. et. al. Entre o “gostar” de estar na escola e a invisibilidade juvenil: um estudo sobre jovens estudantes de Santa Maria, RS. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p 79-94, jan./abr. 2011.